

Resumo

Neste artigo procuramos analisar a Mantearia da Casa de Aveiro em 1752. Através do inventário mandado realizar pelo 8.º Duque de Aveiro, logo no seu primeiro ano à frente da casa, permite-se reflectir sobre a importação de obras de luxo dos grandes centros produtores da Europa para Portugal, ao longo do século XVIII: Augsburg, Roma, Londres e Paris. As obras em prata pertencentes ao Museu Nacional de Arte Antiga, tomadas pela Casa Real na sequência do “processo dos Távoras” em 1759, apenas foram encomendadas após a realização deste inventário. Todavia podemos aferir a grande importância da Mantearia dos Duques de Aveiro, pela importância das obras de aparato, de que destacamos o conjunto de centros de mesa, e pelo coleccionismo de ourivesaria antiga, nomeadamente do período da renascença, que gozou de grande prestígio no Portugal de setecentos. ●

Abstract

This paper focuses on the *Mantearia* (collection of table silverworks) of the House of Aveiro in 1752. The inventory ordered by the 8th Duke of Aveiro, in his first year as head of the house, gives an insight into the imports by Portugal of luxury goods from Europe’s main production centres – Augsburg, Rome, London and Paris – throughout the 18th century. The 1752 inventory, however, does not include the silverworks currently belonging to the Museu Nacional de Arte Antiga, in Lisbon. Commissioned at a later date, these were subsequently seized by the Royal House as a result of the “Tavoras process” in 1759. The significance of the *Mantearia* of the Dukes of Aveiro becomes evident in the quality of its pieces *d’apparat* – including a remarkable set of centrepieces – and in its antique silver collection, particularly of the Renaissance period, which was highly appreciated in 18th century Portugal. ●

palavras-chave

MANTEARIA
CASA DE AVEIRO
OURIVESARIA
COLECCIONISMO
SÉCULO XVIII
FRANÇA

key-words

MANTEARIA
HOUSE OF AVEIRO
SILVERWORKS
COLLECTING
18TH CENTURY
FRANCE

Arbitragem Científica Peer Review

Teresa Leonor Vale

Investigadora, Instituto de História da Arte,
Faculdade de Letras / Universidade de Lisboa

Data de Submissão
Date of Submission
Jul. 2011

Data de Aceitação
Date of Approval
Jul. 2011

ENCOMENDA, USO E COLECCIONISMO DE OURIVESARIA NO SÉCULO XVIII: A MANTEARIA DA CASA DE AVEIRO EM 1752

NUNO VASSALLO E SILVA

Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa

Para a elaboração deste artigo contei com o generoso apoio de Fátima Vasconcelos, Francisco Amorim e Maria do Rosário Jardim.

Um dos conjuntos de obras em prata mais importantes e sumptuosos conhecidos no Portugal do século XVIII pertenceu à Casa de Aveiro. Foi completamente disperso em 1759 quando do “processo dos Távoras”, altura em que a Coroa ficou com as suas melhores peças. É hoje conhecido sobretudo pela documentação existente e pelos dois conjuntos excepcionais que se podem admirar no Museu Nacional de Arte Antiga.

Neste artigo procuramos divulgar e analisar um documento, ao que cremos nunca publicado: o inventário da Mantearia da Casa de Aveiro, datado de Outubro 1752¹. Rol que goza de uma particularidade que o torna único e de grande interesse o seu autor, o Mantieiro Joaquim José de Cáceres e Lima, procura sempre que possível identificar a origem das peças, se nacionais ou estrangeiras, se executadas em Lisboa ou em Inglaterra ou na Alemanha. Documenta assim os principais centros de produção internacionais de que as grandes casas senhoriais portuguesas se socorriam para aquisição de obras de luxo. É nossa proposta contribuir para um aprofundar do conhecimento do papel das encomendas portuguesas nas indústrias de luxo de Setecentos estimulando simultaneamente futuros estudos. A importância das obras que se conservam nas colecções nacionais e fundos documentais que se guardam

¹ Biblioteca da Ajuda 54-VIII-53 (209). Citado por Jardim 2002, 139 n.º 82.

nos nossos arquivos asseguram inúmeras pesquisas futuras, numa área que obriga a permanente reflexão entre a produção artística nacional e o contexto europeu. As excepcionais condições económicas do século XVIII permitiram à Coroa e principais casas senhoriais adquirir obras de luxo além fronteiras, nos principais mercados europeus. O inventário da Mantearia do Duque de Aveiro é de tal um testemunho ímpar. Para além de referir a origem das peças, revela um conjunto de obras e tipologias que atestam o acompanhamento da grande produção de luxo no século XVIII em Portugal, numa crescente complexidade do cerimonial da mesa.

A realização deste inventário encontra-se nas primeiras medidas tomadas pelo novo duque de Aveiro, D. José de Mascarenhas, sete anos depois da morte do 7.º duque, D. Gabriel de Lencastre Ponce de Leon Manrique de Lara Cardenas Giron y Aragon, ocorrida em 1745, que não deixou descendência directa. A disputa surgida entre o marquês de Gouveia, D. José de Mascarenhas, descendente directo do 3.º duque de Aveiro e o sobrinho de D. Gabriel, D. António de Lencastre Ponce de Leon, veio a ser concluída em 1752 com a confirmação, pela Relação de Lisboa, da sucessão de D. José de Mascarenhas.

Nesta perspectiva, o rol torna-se um importante testemunho das pratas utilizadas na Mantearia do seu antecessor. As grandes encomendas francesas que se conhecem hoje são sobretudo obra de D. José de Mascarenhas, mas a importância atribuída à ourivesaria estrangeira no Ducado de D. Gabriel bem o manifesta. Por sua acção terá a Casa de Aveiro realizado as primeiras encomendas significativas aos ourives parisienses, acompanhando neste campo a própria Casa Real.

² Sousa 1951.

³ Guerra 1952.

⁴ Sousa 2004, 128-129.



Fig. 1 – Thomas Germain e François-Thomas Germain, centro de mesa, Paris, 1729-30 e 1757, prata. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
(© José Pessoa / DGPC / ADF)



Fig. 2 – Heinrich Mannelich, cofre-relicário de S. João de Brito, Augsburg, 1694-98, prata. Museu de São Roque, Lisboa. (© Júlio Marques / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa/ Museu de São Roque)

Para o conhecimento das obras de ourivesaria e sumptuária de que os Duques de Aveiro se serviam no século XVIII, a fonte mais importante tem sido o inventário do sequestro dos bens, de 1759, conservado no Arquivo do Tribunal de Contas. J. M. Cordeiro de Sousa utilizou-o para identificar a proveniência do grande centro de mesa executado por François e Thomas Germain, ourives parisienses, pai e filho, que trabalharam para D. João V e D. José, respectivamente². A edição da transcrição integral do sequestro por Luís Bivar Guerra, permitiu a sua ampla divulgação³. Tão importante trabalho serviu para que, recentemente, Gonçalo Vasconcelos e Sousa, realizasse uma interpretação tipológica do conjunto para o estudo da ourivesaria em Portugal no século XVIII. Justificou o autor a riqueza do conjunto devido às “funções de representação e ostentação” das grandes casas nobres do tempo⁴.

1. Os grandes centros de produção: Roma, Augsburg, Londres e Paris

As encomendas portuguesas de obras de ourivesaria no estrangeiro dirigiram-se aos centros mais importantes da Europa, onde as oficinas dos ourives atingiram maior celebridade e onde Portugal mantinha regulares relações diplomáticas e comerciais. Até meados do século XVIII contaram-se sobretudo: Augsburg, Roma, Londres e Paris.

² Vassallo e Silva 1996, 56-65.

³ Rau e Nunes 1969, 41.

A cidade alemã foi indiscutivelmente a mais importante. Não é de estranhar a notável organização da sua corporação de ourives e das redes de distribuição para além fronteiras.

Foi nesta cidade que D. Pedro II encomendou, entre 1694 e 1698, à oficina de Heinrich Mannelich um cofre relicário para proteger uma relíquia de S. João de Brito – a primeira obra com a iconografia do futuro santo – que seu filho, D. João V, legou aos jesuítas de S. Roque⁵. A importância atribuída à origem da peça é tal, que se encontra expressamente referida no testamento do monarca para além do seu preço astronómico para a altura “hum conto, e sete mil, seiscentos e quarenta reis”⁶.

Este ourives é, igualmente, o autor de uma bela salva oval que se guarda no tesouro da Sé de Lisboa, atestando o enorme prestígio dos prateiros de Augsburg junto das elites nacionais. Não será de estranhar tratar-se de uma oferta régia.

A documentação elucida-nos da chegada de outras obras provenientes da Alemanha para a aristocracia portuguesa. Quando do casamento, em 1728, da Condessa de Castelo Melhor, no dote atribuído por seus pais, os Condes de Vila Verde, contava-se um toucador constituído por variadas peças em prata, cuja avaliação foi feita pelo ourives lisboeta Tomás Correia⁷.

As oficinas de Roma, centro do Cristianismo, serviram desde muito cedo para fornecer prelados e diplomatas portugueses. Isto bem antes das encomendas maciças de D. João V, que iriam alterar profundamente a produção nacional. Das oficinas de Pietro Paolo Pieri provém um conjunto de pratos para mesa, de perfil quadrangular, com as armas de Fr. João da Cruz, 2.º arcebispo de Miranda. Foram executados em Roma, em 1709⁸. Ainda de 1735, data um serviço em prata com mais de 277 libras de peso para o Conde das Galveias, o que contrasta com a ideia corrente de que a Roma apenas se adquiririam alfaias litúrgicas⁹.

Já D. Luís de Sousa, igualmente cliente das oficinas de Augsburg, quando residiu em Roma não deixou de aí encomendar diversas obras algumas das quais chegando aos nossos dias¹⁰. Já após a chegada da baixela francesa por D. João V, na recepção

⁷ Biblioteca Nacional de Portugal – Reservados, cx. 31. n.º 10, fl. 2.

⁸ O conjunto encontra-se dividido entre o Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Nacional Soares dos Reis e o Museu Abade de Baçal.

⁹ Biblioteca da Ajuda, 54-XIII-14 (67)

¹⁰ Como é o caso do notável relicário do Santo Lenho em prata e bronze dourado. Conf. *Uma família de colecionadores: Poder e cultura*, 2001, cat. 48; Soromenho 2001, 15-41.

¹¹ Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, MNE. 148

¹² Oman 1968; Exposição de Arte Decorativa Inglesa 1958, Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1958; Hartop 2009.



Fig. 3 – Thomas Germain e François-Thomas Germain, pormenor do centro de mesa, Paris, 1729-30 e 1757, prata. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. (© José Pessoa / DGPC / ADF)

¹³ Oman 1968, cat 49; Hartop 2009, 20-21.

¹⁴ Hartop 2009, 16.

¹⁵ *O Portugal de D. João V visto por três forasteiros* 1983, 267-268.

¹⁶ *The Weekly Journal*, London, 23 July 1724 cit. Delaforce 1997, 39.

¹⁷ Vassallo e Silva 2009, 305-320.

Fig. 4 – Ambroise-Nicolas Cossinet, par de estatuetas, Paris, 1757-58, prata. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. (© José Pessoa / DGPC / ADF)



em 1755 ao embaixador de França, o Conde de Bachi, destacava-se no Bufete “dous exelentes vazos com as suas cubertas de obras de Roma com os fundos dourados e os altos a figura de meyo relevo delicadissimamente levantado”¹¹. Esta descrição sugere que as obras executadas pelos ourives romanos seriam celebradas pelo seu carácter escultórico.

A produção inglesa é curiosamente das menos conhecidas com a sua relação a Portugal, mesmo que tenha originado de tempos a tempos algum interesse¹². Bem antes da assinatura do tratado de Methuen e a crescente influência da colônia britânica no Norte de Portugal que as obras de ourives londrinos chegavam ao nosso país. No sentido oposto, obras nacionais chegavam a Inglaterra já no século XVI com as “Portygale cups”, porventura as obras ornamentadas com os frutos do medronheiro de que se conhecem, pelo menos, quatro taças cobertas com brasões de armas ingleses¹³. É datável do século XVII, um conjunto excepcional de gomil e lavanda pertencente ao Tesouro da Sé de Lisboa, provavelmente uma oferta diplomática do Rei James I, tal como foi recentemente identificado¹⁴.

Para a primeira metade do século XVIII, a obra mais célebre de proveniência inglesa será a banheira que D. João V mandou executar ao célebre ourives londrino de origem huguenote, Paul Crespin. Segundo o testemunho de César de Saussure que visitou Portugal em 1730, a caminho de Constantinopla, tratava-se de uma banheira em prata branca com o interior dourado, pesando 3 580 onças. Apresentava um complexo desenho sendo sustentada por três golfinhos que serviam de pés. Adornavam-na baixos relevos como os grupos de Diana e Actéon e de Perseu e Andrómeda. Na parte mais larga da banheira elevava-se Neptuno com o tridente, o que recorda as montagens em prata dos nautilos do Renascimento, com o deus dos oceanos dominando a composição. Dentro da banheira surgiam ainda três sereias, certamente em meio relevo, que se debruçavam sobre o rebordo.

Quando a obra foi concluída, e antes de despachada para Lisboa, a oficina de Crespin recebeu a visita de diversos membros da corte que foram admirar esta extravagante oferta de um monarca para uma religiosa portuguesa¹⁵. Crespin apresentou-a “wich can scarcely be match’d in all Europe” ao próprio monarca britânico no Palácio de Kensington¹⁶.

Já a produção francesa é a mais recentemente admirada entre nós. Quando na década de 1720 a primeira encomenda de uma nova baixela para D. João V, ainda se hesitava entre Augsburg ou Paris. Contra o conselho do Conde de Tarouca Francisco Mendes de Góis, o agente da Casa Real em Paris, confia a obra ao ourives de Luís XV, Thomas Germain e marca doravante as relações artísticas entre Portugal e a França.

Possuímos hoje um quadro bastante credível das encomendas da Casa Real portuguesa ao estrangeiro, sobretudo Paris, no século XVIII, nomeadamente no caso de obras de ourivesaria, jóias e gravuras. Contudo, trata-se apenas de uma parcela de um universo bem maior em que os têxteis foram sem dúvida os mais importantes¹⁷.

Relativamente às casas senhoriais o quadro não seria muito diferente. Torna-se, todavia, fundamental aprofundar a questão relativa aos agentes que faziam a ligação entre os encomendadores e os executantes, a circulação de modelos, e as vias de desenvolvimento do gosto. A encomenda de uma obra é, antes de mais, a manifestação de uma determinada opção estética. Algo muito mais profundo do que pode parecer à primeira vista como se se tratasse de um simples enriquecimento ornamental de uma casa.

Todavia, o processo não seria muito diferente do da Casa Real, tendo os fidalgos portugueses, com grande probabilidade, os mesmos agentes.

Quando Francisco Mendes de Gois negociava em Paris as encomendas de D. João V, um universo que vai desde os livros, tecidos, mobiliário, jóias e naturalmente a famosa baixela em prata, igualmente atende os pedidos da aristocracia ou dos altos funcionários¹⁸. Para um caso espectacular, referiremos a encomenda e execução de duas berlindas encomendadas pela Condessa da Calheta, em 1739¹⁹.

O 8.º Duque de Aveiro tinha em Paris um agente para as suas encomendas. O Senhor de Lima, que se encarregou da execução de diversas obras, nomeadamente as dezasseis figuras em prata de Cossinet que hoje se expõem no Museu Nacional de Arte Antiga.

Segundo um documento pertencente aos Arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Paris, e divulgado por Germain Bapst, o ourives Godin escrevia em 1757 ao embaixador D. António de Saldanha dando conta da execução das peças e solicitando o seu apoio na obtenção da liquidação total da encomenda. Para além das figuras de mesa a encomenda consistia ainda em seis pares de candelabros e seis pares de castiçais de cinco lumes cada²⁰.

Esta carta é bem esclarecedora do processo da encomenda. O ourives Edme-François Godin apresentou ao agente do Duque em Paris os modelos em cera para duas figuras, do conjunto final “représentant huit nations différentes par hommes et femmes” para além de uma girandola. Estas, peças ainda em cera, seguiram os modelos previamente acordados. Tendo a aprovação do cliente, foi apresentado o peso, modo e tempo de execução das obras. Tudo seria pago de uma só vez contra a entrega das peças, o que não veio a acontecer e que originou o pedido junto do diplomata português. Embora a encomenda tivesse sido confiada a Godin não foi este que executou as obras, servindo como intermediário. Como habitualmente, foi uma tarefa distribuída em diversas oficinas. As figuras couberam a um dos mais conceituados ourives da época, Ambroise-Nicolas Cossinet, cujo nome nunca é referido na missiva. Já os castiçais poderão corresponder, tal como sugeriu Luís Keil, ao conjunto de candelabros por Guillaume-Alexis Jacob e as serpentinas a Simon Levêquê ourives que trabalharam com Coussinet, sendo Levêquê seu cunhado²¹. Estes candelabros e serpentinas, as únicas que nas colecções nacionais não provêm da oficina do ourives François-Thomas Germain, encontram-se divididas entre o Palácio Nacional da Ajuda e o Museu Nacional de Arte Antiga²².

¹⁸ Nomeadamente o Secretário de D. João V, Alexandre de Gusmão.

¹⁹ ANTT– MNE, Cx 1, M1.

²⁰ Bapst 1892, 19-21.

²¹ *Exposição de Arte Francesa: especialmente do século XVIII*, 1934, 79-80.

²² Orey 1991, 195 e 211.

Fig. 5 – Simon Levêquê e Guillaume-Alexis Jacob, castiçal com serpentina de cinco lumes, Paris, 1757-58, prata. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. (© Luís Pavão / DGPC / ADF)



²³ Mira 2009, 173-177.

²⁴ Bapst 1889, 25-26.

²⁵ Guerra 1952, 44.

2. O inventário da Casa de Aveiro

É longínqua a associação da Casa de Aveiro às oficinas de joalheiros e ourives portugueses e estrangeiros. Para não recuarmos demasiado, de tal testemunham as jóias que ofereceram ao santuário de Nossa Senhora de Guadalupe. A 6.^a duquesa de Aveiro, D. Maria Guadalupe de Lancastre, foi especialmente generosa em oferecer riquíssimas jóias e dinheiro para o santuário de que era especialmente devota. Nos cuidados registos conservados em Guadalupe destaca-se a descrição acompanhada do desenho de um ceptro em ouro esmaltado, ofertado para a imagem da Virgem, com pedras preciosas e a presença das armas de Portugal. Trata-se, sem dúvida, de uma confusão do inventariante em Guadalupe com as armas Ducais, a dos Lencastre, e as do reino. Já antes, no decorrer da peregrinação ao Santuário, em 1661, o 4.^o duque de Aveiro, D. Raimundo de Lancastre, e sua mulher D. Ana Manrique de Lara ofereceram um “cifra” com as letras esmaltadas debaixo da coroa real, executada em ouro e 163 diamantes²³. Trata-se significativamente do ano em que os Duques passaram a viver em Castela, pelo que a oferta desta jóia poderá estar associada ao pedido de protecção da Virgem de Guadalupe.

Nas obras mais antigas pertencentes aos Duques de Aveiro que terão chegado aos nossos dias, encontramos um par de jardineiras que figuraram na colecção do Marquês da Foz, segundo o catálogo da autoria de Germain Bapst, editado em 1889²⁴. Trata-se, na realidade, de duas terrinas com prato, mas de cujas tampas se perdeu o rasto. O brasão de armas dos duques de Aveiro apresenta-se em relevo no bojo das terrinas e ainda gravadas ao centro dos pratos. Segundo a leitura de Germain Bapst, possuem marcas do ourives parisiense Pierre-Étienne Buron e foram executadas em 1745, ano da morte do duque D. Gabriel. Infelizmente, desconhece-se o paradeiro actual destas obras que, pela representação fotográfica, atestam um notável desenho, sobretudo nos pratos.

São descritas no inventário que agora publicamos com o número 15 e no inventário do sequestro com os números 106 e 107: “N.º 106 – E assim mais hũa Terrina com a caixa n.º I ovada de coatro pés e azas fixas tem nas fassies alem das amas assima ditas de que uzava o secrestado vários molhos de espigas de trigo e dentro da sua tigella a tampa tem em sima hua flor hum ramo de Aypo e outro de Ervilhas e hum molho de espargos e duas lagostinhas sobre gomos de Rebacho e foscas e seu prato angriado Lavrado de Roda emoldurado e por dentro de gomos como a tampa e armas ditas no meyo sua colher de Comxa de marisco e cabo todo de filetes por forma de hum Tronco furado no meyo com folhagens peza tudo sincoenta e outo Marcos hua onça e hua outava”²⁵.

O inventário, com 11 fólhos, consiste em 117 entradas correspondendo a 916 peças. Na sua maioria em prata, sendo algumas poucas em metal prateado ou mesmo igualmente em bronze.

Inicia-se com obras em prata branca (itens 1 a 94) : luminária, sobretudo castiçais, seguindo-se terrinas, pratos de servir, pratos de mesa, peças diversas de forma, bules e açucareiros, mostardeiras, saleiros, talheres, cafeteiras e centros de mesa.



Fig. 6 – Pierre-Étienne Buron, par de terrinas, Paris, 1745, prata. Localização desconhecida. (Reprodução de Germain Bapst, *Catalogue raisonné des pièces d'orfèverie française composant la collection du Marquis da Foz*)

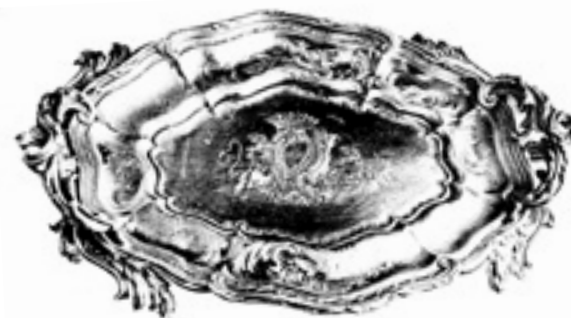


Fig. 7 – Pierre-Étienne Buron, bandeja para terrina, Paris, 1745, prata. Localização desconhecida. (Reprodução Germain Bapst, *Catalogue raisonné des pièces d'orfèverie française composant la collection du Marquis da Foz*)

Em prata dourada (itens 95 a 114) encontramos centros de mesa, pratos de servir e comer, saladeiras, faqueiros e ainda um paliteiro que “parece feyto fora de Reyno”. São ainda descritos pratos e correspondentes tesouras de espevitar, além de bacias da barba e conjuntos de jarro e lavanda.

No final do documento, duas entradas referem obras em metal prateado: serpentinhas com seis e quatro lumes e um centro de mesa.

Um dos factores mais interessantes, imediatamente apreendido no documento, é o facto de cerca de metade das obras terem sido executadas fora do Reino. Isto é, a Casa de Aveiro encontrara nas oficinas de ourives estrangeiros os seus principais fornecedores. Porventura, a produção nacional, sobretudo numa época de grandes alterações do gosto, não lhe despertaria grande interesse. Os Duques não se reveriam nas obras dos ourives portugueses, que não corresponderiam ao grau de novidade que procuravam. Mas não só. Para o caso da ourivesaria francesa, esta atingiu no século XVIII, no período *rocaille* através de inovações tecnológicas, uma qualidade de execução nunca antes vista, onde se recorreu à técnica da cera perdida possibilitando a realização de formas complexas como que ultrapassando a própria superfície do metal.

Já bem dentro do século, em 1739, Alexandre de Gusmão escrevia de Lisboa para Francisco Mendes de Gois as suas dificuldades em encontrar boas peças de ourivesaria, comparando com o que sucedia na capital francesa: “E suposto quem busca o preciso não atende á delicadeza dos feitios, contudo não me acomodo muito aos dos nossos obreiros [...] é caso raro achar aqui cousa capaz, o que em Paris é mui comum”²⁶. Dada a possibilidade de publicar todo o inventário em anexo torna-se escusada uma análise completa das obras, pelo que nos debruçaremos naquelas que, no nosso entender, são as mais representativas.

Um elemento que se impõe no inventário é o considerável número de centros de mesa, cinco no total. Estes em prata, prata dourada, bronze dourado e metal prateado, correspondem à importância das refeições em que eram utilizados²⁷.

²⁶ Gusmão 1981, 87.

²⁷ Para a evolução dos centros de mesa, em França no século XVII, conf. Mabile 1980, 62-73.

Fig. 8 – Jean-Baptiste Oudry, gravura das fábulas de La Fontaine: O rato do campo e o rato da cidade, Paris, 1755.

²⁸ Para a distribuição dos diversos elementos de um conjunto sobre a mesa conf. Monteiro 2002, 38-91.

²⁹ Guerra 1952, 41

³⁰ Guerra 1952, 41 n.º 3.

³¹ Nomeadamente no Museu Nacional de Estocolmo. Ilus in Gruber 1982, 215 ilus. 162.

³² Hoje no Getty Museum, Los Angeles, inv. 82.DG.12.

³³ Perrin 1993, 97-98.

³⁴ Guerra 1952, 44, n.º 106.

³⁵ Conf. *Royal French Silver: The property of George Ortiz*, Sotheby's, New York, Novembre 13, 1996, cat. 3.

O mais importante, n.º 90 do inventário, corresponde a um “sobretudo de meyo de meza” constituído por cinquenta peças, incluindo os galheteiros em cristal, com montagens em prata sendo ornamentado com pequenas esculturas, máscaras, e suportado por quatro leões. Fora realizado no estrangeiro, “prata de fora do Reino” provavelmente França como veremos. Era guardado na sua caixa de origem. Já “outro sobretudo rico”, o segundo em importância, com o n. 91 do rol, era constituído por catorze peças decorado com carrancas, tendo na tampa duas figuras de corpo inteiro. Apresentava ainda dois saleiros com os interiores em vidro como habitual, dado que o sal corrói a prata. Tal como o anterior foi executado no estrangeiro. A descrição do inventário do sequestro de 1759 permite-nos conhecer melhor a importância destas obras, sobretudo da primeira. A peça principal era uma terrina com os pés em forma de cabeça de leão e os extremos com cabeças de javali. A tampa era ornamentada com figuras de leões, dentro do gosto escultórico da época. Possuía, ainda, açucareiro de idêntica ornamentação, para além do pimenteiro e do saleiro. A montagem em prata das galhetas em cristal era formada por serpentes. Já os quatro castiçais que formavam o conjunto, apresentavam “Arvorados nas coartellas”. Possuía ainda pratos que se dispunham de modo mais ou menos geométrico sobre a mesa²⁸. Nas suas obras mais pequenas para além de duas pequenas colheres para mostarda, possuía ainda uma colher para geleia²⁹. Na venda de 1759 foi adquirido pelo cônsul holandês Daniel Gildemeester e, desde então, o seu paradeiro encontra-se desconhecido³⁰. A descrição das peças, com o seu carácter escultórico e as cabeças de javali nos extremos, remete-nos para a produção francesa da época, sobretudo das oficinas de Thomas Germain. A utilização do motivo de cabeças de javali foi comum na obra do ourives de D. João V, tendo mesmo sido representado em diversas pinturas de François Desportes, que utilizou a produção de Germain como modelo em várias composições e estudos³¹. Das obras que chegaram aos nossos dias saliente-se, dada a sua ligação com Portugal, o par de terrinas com as armas dos Melo e Castro, executadas na oficina de Thomas Germain, em 1726-28³². O embaixador português em Paris adquiriu-as em 1764, tendo Germain substituído as armas do seu primeiro proprietário, como comum na época. Infelizmente, perderam-se as tampas que sabemos terem sido verdadeiras naturezas-mortas formadas por pássaros, crustáceos e camarões. A pega da tampa era constituída por uma alcachofra numa das terrinas e por uma couve-flor na outra³³. Também desaparecidas se encontram as tampas das duas terrinas da antiga colecção Foz, provenientes da Casa de Aveiro e anteriormente referidas. Segundo o inventário de 1759, seriam decoradas ao gosto naturalista da época com uma couve flor, um ramo de aipos e outro de ervilhas para além de dois lagostins³⁴. Este universo ornamental aproxima-se muito do das tampas da terrina executada por Thomas Germain em 1733-34 e mais tarde integrada no serviço Penthièvre-Orléans³⁵. Teria sido este centro de mesa das primeiras encomendas da Casa de Aveiro, neste caso pelo 7.º duque D. Gabriel, a Thomas Germain?

Para além destas peças, existia um outro centro de dezasseis peças em prata dourada “todo lavrado feyto em Alemanha”. O facto de ser referida explicitamente a



origem da peça sugere que se tratou de uma encomenda recente, do conhecimento do vedor da Casa de Aveiro. Aliás, o mesmo podemos dizer de todas as obras cuja origem é claramente discriminada.

Significativamente, todas as obras descritas como mais elaboradas são atribuídas a oficinas estrangeiras.

O conjunto de luminárias, sobretudo castiçais, revela tanto a importância da iluminação dos interiores como a das mesas. Cinquenta e cinco castiçais eram em prata, enquanto catorze em bronze dourado estes com “suas arandellas soltas, que lhe servem de aparadores da cera”. Esta discriminação também pode sugerir uma novidade em Portugal, no uso das arandelas.

As necessidades da mesa justificam o conjunto de maiores dimensões, o dos pratos. Contabilizam-se duzentos e quarenta e cinco em prata branca e prata dourada. Contam-se desde os pratos “de guardanapo” que marcavam cada conviva e acompanhavam grande parte da refeição, aos pratos grandes de servir e saladeiras. Vinte e nove pratos de pé, as salvas, são igualmente registadas entre os n.ºs 30 a 42 do inventário. Serviam sobretudo para apresentar as bebidas. Destaca-se, todavia, um conjunto de cinco de vários tamanhos, com o elemento comum de ser “tudo lavrado de figuras chamada prata de Bastiões feyta no Reino”. Esta designação, em desuso, sugere a referência a obras góticas ou renascentistas, integradas em salvas com pés e rebordos setecentistas. De tal, é notável exemplo o conjunto pertencente ao Palácio Nacional da Ajuda, proveniente de uma mesma colecção do século XVIII, já que todas as montagens associadas às salvas antigas apresentam a punção do ourives de D. João V, António Martins de Almeida e as armas dos Sás.

Tal sugestão de nos encontrarmos perante um conjunto que integra obras mais requadadas confirma-se nas descrições do sequestro de 1759, nomeadamente nos itens 226 a 231. Tudo salvas lavradas de “bastioens” surgindo motivos como “feguras a cavalo”, “hũa tarja com hum leteiro” ou “figuras levantadas no meio”³⁶. O conjunto de salvas “de Bastioens” da Casa de Aveiro foi arrematado por um único comprador Francisco Joseph Brandão, pelo que não foi dispersado na ocasião da hasta pública. Refira-se que o século XVIII regista um especial apreço pelo coleccionismo de obras de ourivesaria portuguesa antiga, nomadamente salvas de aparato historiadas, pelo que a Casa de Aveiro não foi excepção. Nas colecções do Palácio Nacional da Ajuda podemos cotejar o brasão de armas de outros proprietários como o da Casa Real Portuguesa, o dos Sás, utilizada mais tarde pelos marqueses de Fontes e Abrantes, o dos condes do Prado e Marqueses de Minas, o da Casa Cadaval, ou o de prelados como D. Gaspar de Bragança, um dos “Meninos da Palhavã”³⁷.

Muitas destas peças foram conservadas pelos descendentes dos seus proprietários originais, porventura como sinal da sua antiguidade. Um exemplo mais remoto é o da salva com gomil executados no período manuelino e que possuem as armas, colocadas posteriormente, de D. Frei Álvaro de São Boaventura, bispo-conde de Coimbra entre 1672-1683. Hoje no Museu Nacional Machado de Castro³⁸. Ainda no inventário dos bens do Conde de Vila Nova, D. Luís de Lencastre, de 1704 encontramos um considerável grupo de salvas com pé alto lavradas de bastiões³⁹.

³⁶ Guerra 1952, 62.

³⁷ *Tesouros reais* 1992, cat. n.º 327-340.

³⁸ Museu Nacional Machado de Castro, inv. 6092 e 6092A.

³⁹ Sousa, 1956, pp. 24-26. Refira-se ser muito significativo neste inventário registar a ausência de identificação de obras executadas no estrangeiro. Com excepção de “obra do Norte” (p. 24) ou “obra da índia” (p. 29).



Fig. 9 – Centro de Mesa, Paris, c. 1690, bronze dourado. Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa.

3. Conclusão

A divulgação do inventário da Mantearia dos Duques de Aveiro, em 1752, permite conhecer um conjunto de obras em prata, na sua maioria com objectivos suntuários, antecedendo as grandes encomendas realizadas em Paris pelo 8.º Duque, D. José de Mascarenhas. Obras que reverteriam para a Casa Real após o processo em que foi supliciado e todos os seus bens sequestrados.

Este inventário revela uma importância decisiva de obras executadas em oficinas estrangeiras o que nos demonstra uma grande internacionalização dos fornecedores por parte das principais casas senhoriais, em meados do século XVIII. Facto que revela a existência de redes de agentes muito activas e uma preocupação de actualização por parte das elites portuguesas. Por outro lado, para além do óbvio testemunho da divulgação do consumo de bebidas exóticas, como o café e o chá, patenteia a preocupação da conservação de obras de antigas oficinas de ourives, protegidas em obras mais modernas. ●

Fontes Manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, MNE Cx 1, M1.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, MNE L.º 148

Biblioteca da Ajuda, 54-VIII-53 (209).

Biblioteca Nacional de Portugal, Reservados, cx. 31, n.º 10, fl. 2

Bibliografia

BAPST, Germain. 1889. *Catalogue raisonné des pièces d'orfèverie française composant la collection du Marquis da Foz*. Paris: Imprimerie Générale Lahure.

BAPST, Germain. 1892. *L'Orfèverie Française a la Cour de Portugal au XVIIIe siècle*. Paris: Société d'encouragement pour la propagation des livres d'art.

DELAFORCE, Angela. 1997. "Paul Crespín's silver – gilt bath for the king of Portugal". *The Burlington Magazine* 1126: 38-40.

Exposição de Arte Decorativa Inglesa. 1958. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva.

Exposição de Arte Francesa: especialmente do século XVIII. 1934, vol. I. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga,

GRUBER, Alain. 1982. *L'Argenterie de maison du XVIe au XIXe*. Fribourg : Office du Livre.

GUERRA, Luís Bivar. 1952. *Inventário e sequestro da Casa de Aveiro em 1759*. Lisboa: Arquivo do Tribunal de Contas.

GUSMÃO, Alexandre de. 1981. *Cartas*. Lisboa: INCM.

HARTOP, Christopher. 2009. "Portuguese and English links in silver from 1500 to 1900". *Actas do II Coloquio Português de Ourivesaria*. Coord. Gonçalo Vasconcelos e Sousa. Porto: Universidade Católica Portuguesa. 15-28.

JARDIM, Maria do Rosário. 2002. "Ao serviço da Corte no reinado de D. Maria I". *A Baixela de Sua Majestade Fidelíssima. Uma obra de François Thomas Germain*. Coord. Isabel da Silveira Godinho. Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda.

MABILLE, Gérard. 1980. "Les Surtouts de table dans l'art français du 18^e". *Estampille* 128 : 62-73.

MIRA, Letizia Arbeteta. 2009. "Las Jóyas en Portugal y España – Una historia de vecindad (siglos XV al XVIII)". *Actas do II Coloquio Português de Ourivesaria*. Coord. Gonçalo Vasconcelos e Sousa. Porto: Universidade Católica Portuguesa.

MONTEIRO, Inês Líbano. 2002. "Uma baixela para Servir a Quatro Cobertas". *A Baixela de Sua Majestade Fidelíssima. Uma obra de François Thomas Germain*. Coord. Godinho, Isabel da Silveira. Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda. 38-91

O Portugal de D. João V visto por três forasteiros. Ed. Castelo Branco, 1983. Chaves Lisboa: Biblioteca Nacional

OMAN, Charles. 1968. *The Golden Age of Hispanic silver (1400-1665)*. London: Her Majesty's Stationery.

OREY, Leonor D'. 1991. *A baixela da coroa portuguesa*. Lisboa: Inapa.

PERRIN, Christiane. 1993. *François Thomas Germain, orfèvre des rois*. Paris, Editions d'art Monelle Hayot.

RAU, Virginia e Nunes, Eduardo Borges. 1969. *Inventário post mortem del-rei D. Pedro II*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura-Centro de Estudos Históricos.

Royal French Silver: The property of George Ortiz. Sotheby's New York, Novembre 13, 1996.

SOROMENHO, Miguel. 2001. "D. Luís de Sousa (1637-1690). O gosto de um mecenas". *Uma família de colecionadores: Poder e cultura*. Lisboa: Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves. 15-41.

SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e. 2004. *A ourivesaria da prata em Portugal e os Mestres Portuenses. História e sociabilidade (1750-1810)*. Porto.

SOUSA, J. M. Cordeiro de. 1951. *Notícia da proveniência da mais volumosa peça da «baixela Germain»*. Sep. *Olisipo*. Lisboa: Grupo dos Amigos de Lisboa.

SOUSA, Maria Teresa Andrade. 1956. *Inventário dos bens do Conde de Vila Nova, D. Luís de Lencastre*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.

Tesouros reais. Coord. Isabel Silveira Godinho. 1992. Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda.

Uma família de colecionadores: Poder e cultura. 2001. Lisboa: Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves.

VASSALLO E SILVA, Nuno. 1996. "Aspectos da arte da prata na Companhia de Jesus (séculos XVI a XVII)". *O Púlpito e a Imagem, Os jesuítas e a Arte*. Lisboa: Museu de S. Roque / SCML. 56-65.

VASSALLO E SILVA, Nuno. 2009. "Les commandes royales portugaises à Paris au XVIII^e siècle". *Le commerce du luxe à Paris aux XVII^e et XVIII^e siècles*. Bern : Peter Lang. 305-320.

Apêndice documental

A Mantearia do Duque de Aveiro em 1752

Vedor de minha Caza numere e rubrique este Livro, que ha de servir para nelle se lançar, por hum official de minha secretaria todas as pessos de prata, e mais couzas, pertencentes à Mantearia, por Inventario, que hade assignar o Mantieyro: Lisboa 30 de Outubro de 1752
a) Duque de Aveiro

(fl1) Rellação da prata do Serviço da casa e Mantearia do Illustrissimo e Exmo Senhor Marques Mordomo Mor Dom José Mascarenhas e Lencastre, meu Senhor, e do Estado, e caza de Aveyro, de que se acha entregue Joaquim Jozé de Cacerez e Lima, Mantieyro do Mesmo Senhor.

1

Quatro castiças redondos gomados com suas serpentinas de trez lumes com suas arandelas, e canos redondos, e gomados, feytas nesta Cidade de Lisboa, e ao parecer ser pratta da ley do Reyno.

2

Quatro castiças de Bojo, gomados grossos com suas serpentinas de dous lumes com suas figuras, que pegão nas quartellas das dittaz serpentinas. Parece feytas nesta Cidade, e prata da Ley.

3

Dez castiças todos lavrados de figura triangular com suas serpentinhas de quatro lumes com quartellas, arandelas, e canos tudo lavrado - feytas nesta cidade, e pratta da Ley (fl. 1v)

4

Seis castiças de figura quadrada lavrados com suas serpentinhas de quatro lumes com suas arandelas, e canos tudo lavrado e polido feytas em Inglaterra pratta de onze dinheyros.

5

Quatro castiças de figura redondo com suas angras ou clausteadas com suas serpentinhas de trez lumes: as arandellas com seu lavor, feytas de Bronze dourado, e os pez polla parte de dentro prateado.

6

Quatro castiças com pez outavados; de coluna triangular com suas serpentinhas de trez lumes com arandellas e canos todo lavrado feytas de Bronze Dourado.

7

Quatro castiças feytas de chapa pez quadrados com seus festões; a coluna tambem quadrada com suas organaduraz de alto a baxo com suas dirandellas tambem de figura quadrada, soltas dos castiças que lhe servem de aparador da cera, e parece prata da Ley. (fl. 2)

8

Seis castiças pequenos de figura sextavada com suas palmetas; as colunas da mesma figura; os canudos redondos lizos com suas arandellaz despeçadas que lhe servem de aparadores da Cera, pratta polida feita fóra do Reyno, e parece de onze dinheyros.

9

Dous castiças com os pez triangulos com suas figuras que servem de colunas aos mesmos castiças, e suas arandellas soltas que servem de aparadores da cera.

10

Dez castiças de pez outavados gomados pella borda: as colunas quadradas com suas palmettas nas faces os canos redondos gomados no Bojo - pratta da Ley.

11

Dous castiças de pez outavados angriados. Coluna do mesmo modo, e os canos redondos todos elles cercadinhos de bayxo relevego, e parece feytos no Reyno, e pratta da Ley.

12

Trez castiças pequenos todos lizos, pez outavados, e as colunas redondas e pratta da ley. (fl. 2v)

13

Dez Castiças outavados todos lizos com suas arandellas soltas, que lhe servem de aparadores da cera, feytos de Bronze dourado.

14

Dous prattos angriados com suas asas lizas, ovados com duas terrinas, também sangriadas ovadas com suas mascaras nas cabeceyras, em que pegão duas azas, e com suas tambas, e tudo lizo, e com duas colheres feyto tudo no Reyno, e parece prata de onze dinheyros.

15

Dous prattos com suas angras ovados sobre o redondo com quatro tarjas lavradas nas quatro angraz, seu cercadinho pellas aba de raminhos com suas terrinas tambem sobre o ovado com angras, e quatro tarjas, que lhe servem de pez com duas azas cada huma com seu forro por dentro levadiço com sua tampa do mesmo feytio com huns remates grandes de folhagem com duas colheres. Feytos fora do Reyno, e parece pratta de onze dinheiros.

16

Dous prattos ovados sobre o comprido; bordaduras de cordinhas com fittas enroladas; aba por dentro toda lavrada de bayxo relevo com suas terrinas todas lavradas: a bordadura como a dos prattos ovados levantadas das cabeceyras e anaceladas para o meyo com seus forros levadiços com suas tampas tambem lavradas com seus remates de folhagens e botões, ou sementes, e com suas colheres lavradas, que servem nas mesmas terrinas, e tudo feyto fora do Reyno; e parece pratta de onze dinheiros.

17

Outto prattos grandes angriados molduras lizas, Bojo redondo com duas azas cada hum feytos no Reyno, pratta de onze dinheyros.

18

Doze pratos de meya cozinha angriados; molduras lizas, e o bojo redondo, feytos no Reino pratta de onze dinheyros.

19

Vinte e quatro Flamengas, em que entrão duas covas angriadas todas de moldura liza, e bojo redondo feytas no Reyno, e parece pratta de onze dinheiros.

20

Settenta e hum prattos de guardanapo angriados, moldura liza de Bojo redondo do feytio dos assima e feytos no Reyno que parece prata de onze dinheiros.

21

Quatro prattos de meya cozinha angriados com sinco cantos, molduras lizas e bojo redondo feytos fora do Reyno e parece pratta de onze dinheyros.

22

Quatro Flamengas irmãs pello que respeyta ao feytio dos prattos assima, e da mesma qualidade de pratta.

23

Quarenta e dous prattos de guardanapos irmãos do feytio assima referido, e da mesma qualidade de pratta.

24

Quatro prattos ovados de faces direytas, e as molduras lizas, e os Bojos ovados, feytos no Reyno, e parece pratta da Ley.

25

Quatro pratos ovados covos, molduras angríadas, e lizas, e parece serem feytos fora do Reyno, e prata de onze dinheiros.

26

Hum prato tambem angriado ovado moldura liza com aba, e o Bojo ovado feyto fora e parece pratta de onze dinheyros.

27

Dous pratos dittos mais pequeninos do mesmo feytio que o assima, e da mesma qualidade de pratta.

28

Dous prattos dittos mais pequeninos do mesmo feytio, que os referidos, e da mesma qualidade de prata.

29

Quatro selladeyras Irmãs gomadas por forma de Bandeja, lizas feytas fora do Reyno, e parece pratta de onze dinheiros.

30

Huma salva grande liza de dez faces, pê baixo redondo, e gomado feyto no Reyno e parece pratta de onze dinheyros

31

Huma salva grande de seis cantos toda liza pê redondo bayxo, e gomado, e parece feyta no Reyno, e pratta da Lley.

32

Outra salva redonda, liza de gomos, e meyas canas a roda, pê redondo bayxo com os mesmos gomos, e solistra grande no aveço da salva, e parece feyta no Reyno, e pratta de Ley.

33

Quatro salvas redondas mais pequenas que as sobreditas lizas gomadas na borda pez redondos bayxos e gomados e parece feytas no Reyno e pratta da ley.

34

Huma salva angríada, moldura alta liza com seu pé do mesmo feytio, e a aza redonda liza feyta no Reyno e parece prata de ley.

35

Outra salva mais pequena do mesmo feytio e qualidade

36

Huma salvinha de feytio do feytio de folha de figueyra com seus cercadinhos fingindo as veyas da mesma folha com seu pê lizo, e aza, parece feyta no Reyno, e pratta da ley

37

Duas salvinhas tambem sobre o comprido, ponta aguda todas lavradas de bayxo relevado com suas azas, e trez pez cada huma feytas fora, e parece pratta de onze dinheyros.

38

Duas salvinhas de molduras altaz com seis conxas, cada huma com trez pez, e todas lizas, feytas fora, e pratta de onze dinheyros.

39

Huma salva angriaa, moldura altas, toda liza, e trez pez bayxos, feytas fora e prata de onze dinheyros

40

Trez salvinhas mais pequenas feytio das refferidas retro de trez cada huma, parece feytas no Reyno e pratta da Ley.

41

Duas dittas pequeninas molduras altaz angriadas, os meynos lavrados de bayxo relevado feytas fóra, e pratta de onze dinheiros.

42

Huma salva de pê alto com sua moldura de ovadinhos com fitta enrolada com hum cercadinho por dentro da moldura, e pê do mesmo feytio, feyta no Reyno, e pratta da Ley.

43

Duas quartas grandes lizas com suas tampas gonzadas na aza que levarão mais de potte cada huma, feytas no Reyno, e prata da Ley.

44

Duas catimploras grandes com seus bocais altos, e suas tampas, feytas no Reino e pratta de Ley.

45

Dous Frascos altos feytos de chapa de outto faces com suas tampas de tarraxa com suas azas da mesma tampa e seus cercadinhos lavrados junto a moldura do pê tambem donde faz cabeça junto a tampa

46

Seis Frascos de quatro faces grandes e quatro faces com seus perfilados abertos ao boril, com suas tampas de tarraxas, e huma peça despeçada que serve na boca para segurança da agoa; e parece feytos no Reino, e pratta de onze dinheyros.

47

Hum Fruteyro grande redondo todo lavrado de florões com duas figuras no meyo parece feyto no Reyno, e pratta da Ley.

48

Hum pratto de sangria ovado angriado moldura liza; a aba com seu lavradinho de bayxo relevado, e bojo lizo com duas tegellas redondaz tambem com seu lavrado assim na tampa

como no corpo com duas azas cada huma e seu pê redondo lizo, e parece feyto fora do Reyno e pratta de onze dinheyros.

49

Huma caldeyra com sua aza, e bico redonda lavrada de bayxo relevado com sua trempe com trez pez, que serve de ter espirito para dar calor ao que se deytar na dita Caldeyra, e parece feyta fora do Reino, e pratta de onze dinheyros.

50

Outra caldeyra como a ditta assima cercadinha tambem com sua tampa com trez pez, e tambem serve de ter espirito, e parece feyta fora, e pratta de onze dinheyros.

51

Outra caldeyra mais ordinaria liza com cercadinhos junto a tampa com sua aza e bico; o meyo da aza por onde se pega de pao amarello, e o rematte da tampa do mesmo com sua trempe de 3 pez que serve para o espirito, feyta fora, e parece pratta de onze dinheyros.

52

Huma cafeteyra lavrada pequena com cabo de Evano, feyta fôra, e parece pratta de onze dinheiros.

53

Outra cafeteyra mais pequena redonda, cercadinha com bico, e aza de pao de Evano, feyta fôra, e parece pratta de onze dinheyros.

54

Hum Bulle pequeno redondo lavrado de bayxo relevado com bico, e aza de Evano, feyto fôra, e pratta de onze dinheyros.

55

Hum assucareyro com doze colheres, escumadora e atenz, e com sua figura por remate, e o dito assucareyro com suas organadutas, feyto no Reyno e parece pratta da Ley.

56

Hum assucareyro sem tampa redondo lavrada pelo pê da borda, de bayxo relevado feyto fôra, e prata de onze dinheyros.

57

Outro assucareyro mais pequeno com sua tampa, lavradinho, feyto fora, e pratta de onze dinheyros.

58

Huma cafeteyra grande redonda liza com seu rematte despeçado com bico, e aza de pao de Evano, feyta fora, e pratta de onze dinheyros.

59

Hum Bulle pequeno redondo lizo com seu bico, aza e, rematte de pão feyta fora, e prata de onze dinheyros.

60

Huma Barquinha lavradinha de bayxo relevado com seis colherinhas tambem lavradinhas com sua tanaz, e escumadeira feyto fora, e pratta que parece de onze dinheyros.

61

Treze bilhinhos de Leyte, huma dellas mayor, lavradas de bayxo relevado as duas mais pequenas com trez per cada huma e a mayor com hum so pe redondo, e todas com azas, feytas fora, e pratta de onze dinheyros.

62

Duas mostardeyras com seus bicos e azas com seus pez redondos, gomados, feytos no Reyno e parece pratta da Ley.

63

Duas mostardeyras melhores lavradas de bayxo relevado com trez pez cada huma, sua aza, e gominhos à roda, feyta fora, e pratta de onze dinheyros.

64

Quatro mostardeyras de feytio de quartos, com molduras, fingindo arcos com suas azas tampas, e colheres, feytas no Reyno e pratta da Ley.

65

Quatro mostardeyras ricas lavradaz de varios feytios com suas colherinhas, e tampas metidas em suas caxas, feytas fora, e parece pratta de onze dinheyros.

66

Seis saleyrinhos lizos, redondos com trez pez cada hum dourados por dentro, feytos fora, e parece pratta de onze dinheyros.

67

Dous saleyros lavrados com trez pez cada hum e o forro por dentro de vidro, feytos fora e pratta de onze dinheyros.

68

Trez colheres de Pedreyro de pratta com cabos de pão, feytas duas no Reyno e huma fora.

69

Duas colheres de sopa Irmãs com seus filettes nos cabos, feytas fora, e parece pratta de onze dinheyros.

70

Doze colheres de sopa pequenas com filletes nos cabos, feytas fora, e prata de onze dinheyros.

71

Trez colheres redondas covas para caldo com seus cabos de filetes, e conxinhas, feytas fora, e pratta de onze dinheyros.

72

Huma peça para tomar caldo, chamada Apito com seu lavrado pella borda de bayxo relevado com sua aza feyta no Reyno, e pratta de onze dinheyros.

73

Quatro colheres angriadas para sorveja lizas com seus cabos de pao, feytas fora, e pratta de onze dinheyros.

74

Hum talher de azeyte e vinagre com sinco peças de vidro com tampas de pratta transfuradas com sua aza, e quatro por feyto fôra, e pratta de onze dinheyros.

75

Huma confeteyra com trez peças que entrão humas nas outras, e sua tampa gonzada com duas argolla na cebeceyra e feytas no Reyno, e parece pratta da Ley.

76

Huma Escarradeyra redonda liza com sua aza e tampo levadiça, e feyta no Reyno, e parece pratta de onze dinheyros.

77

Dous pratinhos gomados com seus tremes para chicharas, feytos no Reino e pratta de Ley.

78

Hum pratto, e tezoura com sua moldura liza, e seus acazos lavradinhos com com sua aza, e quatro pez, feyto fora, e pratta de onze dinheyros.

80

Hum candieyro de leque de duas luzes com suas arandelas, e canos, pê redondo, e tudo lizo, e parece feyto no Reyno e pratta de Ley.

81

Huma Bacia de barba com seu jarro, tudo angriado, a moldura da borda guarnecida de bazias por dentro hum cordão com fita enrolada feyta, no Reino e pratta de Ley.

82

Hum pratto com hum jarro grande de agoa as mãos angriado, a moldura da borda lavrada de folhages, por dentro hum cordão de ovadinhos, feytos no Reino; parece pratta de ley.

83

Outro pratto mays pequeno sem jarro do mesmo feytio, e lavor, e a mesma qualidade de pratta.

84

Huma Bacia de barba liza sobre ovado com seu jarro por forma de Buzio dourado em partes, parece feyto no Reino; e pratta de Ley.

85

Hum faqueyro com vinte, e quatro facas, cabos, e cortes tudo de pratta, feytas no Reino, e parece pratta de Ley.

86

Hum Faqueyro com doze colheres, doze garfos, e doze facas, feytas no Reino, e parece pratta de Ley - e nos cabos com suas palmettas lizas.

87

Outro Faqueyro com doze aviaamentos de facas, colheres, e garfos, em que faltão trez garfos, e duas colheres, e pello que respeyta ao feytio hum irmão do sobredito, e feyto no Reyno, e pratta da Ley.

88

Hum taboleyro grande ovado, molduras altaz lizas e a chapa do fundo cravada feyto no Reino e pratta de onze dinheyros.

89

Hum taboleyro grande com sua moldura alta, toda lavrada transparente com variax figuras: o meyo todo lizo polido, feyto fôra do Reino, e parece pratta de onze dinheyros.

90

Hum sobretudo de meyo da Meza todo guarnecido de figuras, e mascaras, e quatro leões, que lhe servem de pez e se compõem de sincoenta peças, com que entrão quatro galhetas de vidro, guarnecidas de pratta, tudo metido com huma caxa vermelha, e se declara ser pratta de fora do Reino, e parece pratta de onze dinheyros.

91

Outro sobretudo rico, composto de quatorze peças, todo lavrado com varias carrancas, duas figuras de corpos inteyros na tampa, com arandellas, e suas sementes, e doze salleyros com tampa transparentes, suas trempes, em que se metem galhetas de vidro tudo de pratta, feyta fôra do Reino e parece pratta de onze dinheyros.

92

Duas Bacias de sangrar, quazi irmãz feytas no Reino, e parece pratta de ley.

93

Duas escarradeyras antigas com as bocas afuniladas, o pescoço delgado com suas azas e parece pratta da ley.

94

Humas cangalhas com hum cabo de chapa comprido com dous pimenteyros com tampas transparentes, feytas no Reino; e pratta de Ley.

95

Hum sobretudo de bronze dourado com seus acazos de pratta correspondentes huns a outros com outto quartellas com seus canos do dito Bronze, dous pimenteyros tambem de Bronze e dourados com vinte e duas peças de pratta, de que se compoem o dito sobretu, e nelle servem.

96

Outro sobretudo de prata dourada que se compoem de dezasseis peças, todo lavrado feyto em Alemanha.

97

Duas tegellas de prata douradas redondas lavrados com pê redondo gomados: as tampas do mesmo com suas azas feytas fora do Reino, e pratta de onze dinheyros.

98

Dez prattos ovados angriados: os bojos do mesmo feytio, em que entrão dous mayores, e quatro pequenos de pratta.

99

Seis prattos redondos dourados huns mayores; e outros mais pequenos de pratta.

100

Vinte e quatro prattos dourados de guardanapo redondos com suas moldurinhas pella borda de ovadinhos, pratta feyta fora do Reino para parece de onze dinheyros.

101

Quatro prattos de pratta dourados com suas molduras de ovadinhos parece feytos no Reino e pratta de Ley.

102

Dous prattos de pratta dourada, hum mayor, e outro mais pequeno; pratta chamada de Bastões, lavrada de figuraz, feytos no Reino, e pratta de onze dinheyros.

103

Dezassete selladeyras de varios tamanhos de pratta dourada, e gomados, parece feytas no Reino; e pratta de ley.

104

Hum pratto ovado grande, todo dourado lavrado com figuraz, humas levantadas de chapa, e outras sobrepostas com seu jarro grande de figuras tambem dourado com varios festões, que lhe servem de ornato, e parece feyto fora do Reino, e pratta de onze dinheyros.

105

Sinco salvas de pratta dourada de varios tamanhos tudo lavrado de figuras chamada pratta Bastiões feyta no Reino; e de onze dinheyros.

106

Huma salva redonda de pratta dourada gomada pella borda, pê bayxo, tambem gomado, feyta fora do Reyno, e parece pratta de onze dinheyros.

107

Duas salvas angriadas douradas molduras guarneçadas de gomos, pez bayxos tambem gomados.

108

Trez Faqueyros de Lixa, que cada hum delles se compoem de doze facas, doze colheres e doze garfos de pratta dourada, feyto fora do Reyno, e prata de onze dinheyros.

109

Dous Faqueyros Irmãos de caxa vermelha com vinte e duas facas; vinte e quatro colheres, e vinte e quatro garfos dourados, e parece Bronze dourado.

110

Outro Faqueyro pequeno so com seis facas, seis colheres; e seis garfos dourados, e parecem do mesmo metal dos dous assima.

111

Outro Faqueyro pequenino com doze colheres tambem do mesmo metal que fica ditto.

112

Dous estojos, que se compõem cada hum de três colheres de sopa, huma escumadeyra, faca, e garfo de trinchar dourados, e do metal refferido.

113

Quatro prattos com suas tezouras de Espevitar; dous lavrados e douz lizos com seus pez, e azas, em hum delles falta a Tezoura, e são feytos do mesmo metal, e dourados.

114

Hum cavallo de pratta dourada que serve de Palleteyro, sobre sua peenha tambem de pratta dourada e parece feyto fora do Reyno, e de onze dinheiros.

115

Quatro serpentinas de metal; duas brancas; e duas douradaz. As brancas se compõem de seis lumes; e as douradas de quatro com suas quartellas, dirandellas, e canos, e tudo mais guarnecido de Pendulas de christal.

116

Hum sobretum de metal prateado que se compõem de onze peças, em que entrão suas quartellas, e serpentinas, que servem para Luzes.

117

Huma Escrivanhinha quadrada com quatro pez, e outto conxas, e com seu tinteyro, e tampa deste, seu areeyro, e huma campainha, tudo de pratta de onze dinheyros - E com dous castiças da mesma qualidade que pertence à dita escrivanhinha.

Biblioteca da Ajuda: 54/VIII/53 (209)